

# UMA ENTRADA DEFINITIVA

Marta Isaacsson

Era  
com frio  
na barriga  
que  
entrávamos  
nas aulas de  
“Oficina  
de  
Teatro”

A idéia de coletar depoimentos de ex-alunos e professores e fotos de montagem, nasceu em março de 1997, quando respondíamos pela Chefia do Departamento de Arte Dramática. Entrávamos o ano em ritmo antecipado de comemoração, pela passagem, em 31 de dezembro, dos 40 anos da instituição do Curso de Arte Dramática na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Divulgávamos então nossa atividade sob a bandeira dos 40 anos, mas quando indagados sobre a história dessa Escola, muito pouca era a documentação a qual podíamos referenciar. Onde haviam então ido parar esses 40 anos? Como um espetáculo de teatro, arte efêmera, o resgate da história só nos pareceu possível de se fazer na memória daqueles que por aqui passaram na condição de alunos e/ou professores. Assim, depois de um exaustivo processo de coleta de nomes e endereços, recebemos a gentil contribuição de alguns de nossos destinatários, a quem expressei meus sinceros agradecimentos.

A natureza pessoal e mais, a qualidade afetiva que pode ser identificada nos relatos aqui apresentados, testemunham o caráter apaixonado com que nos ligamos ao Teatro e, por consequência, a essa Escola. Uma ligação apaixonada que tem seus prós e contra, pois nos faz viver momentos de grandes alegrias ao mesmo tempo fortes tempestades de crise.

O meu material mnemônico não difere muito dos demais. O fascínio misturado a uma grande parcela de fantasia, me fizeram hesitar em entrar no prédio da Av. Salgado Filho, 340, na manhã de minha primeira aula no DAD em 1980. Vendo por trás do barroco portão de ferro um grande número de alunos sentados nas escadarias, alguns dos quais já vira inclusive sobre o palco, constrangida, preferi caminhar até a esquina, buscando coragem para entrar. Hoje interpreto minha hesitação como manifestação inconsciente: minha entrada seria definitiva e sem saída. Aquela seria a escola onde deveria ter minha iniciação ao fazer teatral, mas também, com a qual selaria meu projeto de vida.

Abrem-se as cortinas do pequeno teatro do DAD, da porta aberta ao fundo do palco, ouve-se um aluno calouro chegar, procurando localizar sua sala de aula. Mas não nos enganemos, é apenas teatro. O espetáculo teve início e a história de nossa geração começa a ser relatada pelo aluno-diretor Júlio Conte em *Não Pensa Muito Que Dói*, espetáculo de conclusão de curso. A dor ali denunciada se tornou no entanto hoje, com o passar de quinze anos, na dor nascida da lembrança saudosa daquele tempo.

O deslumbramento se mesclava à indignação juvenil durante os cinco anos que passei no DAD enquanto estudante. O entusiasmo nasce imediatamente no coração do calouro dadiano, fertilizado pela natureza mesma das aulas. Oriundo de um segundo grau, numa proposta de ensino ainda eminentemente “positivista”, o recém-chegado encontra na sala de aula de disciplinas como Improvisação, Interpretação, Expressão Corporal, entre outras, o espaço almejado para sua presença enquanto agente do conhecimento, expressando sua energia corporal e criativa.

À época de meu ingresso, haviam sido sustadas as provas específicas e no seu lugar implantado uma disciplina básica no currículo tida como seletiva e definitiva para o prosseguimento no curso.

Era com frio na barriga que entrávamos nas aulas de "Oficina de Teatro". Temor maior advinha do fato de termos como professora Maria Helena Lopes, recém chegada da França onde havia realizado estudos sobre o método de Jacques Le Coq. É preciso lembrar que, diferentemente de hoje, o nosso contato com o resto do planeta era muito restrito e todos aqueles que conseguiam cruzar os muros de um país ainda sob regime militar, carregavam uma áurea mística, a seu favor e também contra. Venci com orgulho "Oficina de Teatro" e aprendi para sempre com a Lena o valor da "verdadeira" ação física sobre o palco. Anos mais tarde, tive a incumbência de assumir uma disciplina da Lena na qualidade de Professora Substituta, título ingrato pois papel impossível a representar.

Era um momento de esperanças, bastante diferente de hoje, apesar da grave situação política do país. Talvez porque o inimigo de ontem era concreto e se apresentava como tal, enquanto hoje ele dissimula, atrás de discursos neo-liberais, ações perversas para a cultura deste país. Nutrido de esperança, o corpo docente investia em massa em qualificação, saindo muitos professores em estudos para os Estados Unidos. Lá se foram Luiz Paulo Vasconcellos, Sandra Dani, Graça Nunes, Irene Brietzke e Luiz Arthur Nunes. Isto acarretava graves problemas à nossa vida escolar, pois muitas vezes disciplinas não puderam ser oferecidas. Mas tínhamos uma certa (não sei se correta!) complacência com o fato, afinal tínhamos uma reverência com nossos professores na medida em que depositávamos sobre eles toda possibilidade de conhecer o fazer teatral em um sentido mais amplo e profundo. Em tempos de "Internet" esta reverência parece ter acabado.

Se por um lado éramos complacentes com a ausência temporária de determinados professores, por outro lado, brigávamos muito feio por outras questões. Assim, conseguimos fechar a Sala de Expressão Corporal e o Guarda-Roupa exigindo um saneamento daqueles espaços então infestados por sarna; denunciar no jornal e trazer ao DAD representantes da Câmara dos Vereadores para verem que a laje acima da platéia de nosso teatro estava desabando; expulsar o porteiro que havia saído de corrente atrás de um aluno... Nossas ações não eram contra o Departamento, primeiro, porque tínhamos consciência de que nosso inimigo maior não estava ali, depois, porque trocávamos com nossos professores uma cumplicidade muito grande, nutrida diariamente em longos "bate papos" na lancheria do Chinês. Na verdade, o Chinês era parte definitiva da vida acadêmica, que ao invés de vender rolinho primavera, nos fazia penetrar na culinária árabe com suas esfíhas e kibes. Ali se faziam os "temas" para as aulas do Sérgio Silva e do Ivo Bender, ferrenhas críticas aos espetáculos em cartaz, os contatos de elenco para as montagens, as amizades e inimizades, os namoros, as fofocas. Foi ali inclusive que revelei aos meus colegas que havia me casado. O Chinês nos unia, até mesmo pela sua antipática norma de que quem bebesse só um café em martelinho não podia sentar às mesas. Na verdade, a norma tinha razão mercantil justa: consumíamos um martelinho e ficávamos uma tarde inteira sentados a aprofundar nossos conhecimentos teatrais e a adquirir um terrível cheiro de fritura de pastel (um pastel imenso, quadrado com meio ovo cozido!). Inúmeras vezes os professores tinham de mandar um aluno ao Chinês chamar os colegas para ter *quórum* em aula. Por isto tudo, apesar da barata morta dentro do sanduíche da minha então e sempre colega Vera Bertoni, ousou mesmo dizer que uma das grandes faltas que faz hoje à escola é o nosso Chinês.

Em um clima fortemente politizado, os alunos montavam muito texto de Plínio Marcos e Bertold Brecht. Um ano depois de meu ingresso no curso, fui convidada pelo professor Roberto Ruas a participar da montagem de *A Mulher Sem Pecado*, de Néelson Rodrigues. Essa

... tínhamos  
consciência  
de que  
nosso  
inimigo maior  
não estava  
ali...

... descobri  
o que  
mais me  
fascina  
no teatro,  
o processo  
criador  
do  
ator...

montagem fazia parte do projeto *Teatro Experimental*, coordenado por Lygia Vianna Barbosa e Roberto Ruas, cujo propósito era a realização de dois espetáculos anuais, visando resgatar a tradição de montagens do DAD, o que não vinha mais ocorrendo desde 1979. Minha estréia no palco do Teatro do DAD se daria então no papel de Dona Aninha, sentada o espetáculo inteiro em uma cadeira no canto do palco a enrolar um paninho, fazendo contraponto com a agitação da cadeira de rodas do Paulinho Conte no papel de Olegário. Uma vez por noite, tinha a café lambuzada por uma meleca preparada por Clarice Castilhos, que no papel da Inézia, tentava sem êxito dar de comer a Dona Aninha. Depois de grandes laboratórios sobre o comportamento de uma pessoa catatônica, conduzido pelo assistente de direção Antônio Gilberto, aluno do DAD e de psicologia, era com grande prazer que eu lá ficava sentada... até o dia em que, antes de entrar em cena, ao descer no escuro as escadas do DAD, tropecei e rompi os ligamentos do tornozelo. Com meu acidente, decidimos interromper a temporada, não porque minha presença fosse tão indispensável, mas porque, na ausência do diretor (que havia viajado), o elenco vivia em uma crise de relacionamento muito grande. Sob a direção de Breno Ruschel eu voltaria à cena do teatrinho do DAD alguns meses depois, em uma montagem melodramática de *As Almas Pertencem a Deus* de Aldeny Fay. Jamais esquecerei de mim morrendo tuberculosa e lançando apelos amorosos a Carlos, interpretado pelo inesquecível Salimen Junior. Mas o pior de tudo não era morrer tuberculosa, mas passar longo tempo morta, deitada sobre uma porta que servia de ataúde. Sim, porque já desde aquela época vivíamos a estética do "teatro pobre" (a não confundir com as idéias de Grotowski!).

Na qualidade de aluna de Direção Teatral, não posso esquecer quanto generosos foram alguns colegas em me oferecer graciosamente o tempo de suas vidas e valiosos trabalhos de ator. Foi contando então com a colaboração de Salimen Junior e Sérgio Mantovani que coloquei no palco o texto *O Homem da Flor na Boca* de Luigi Pirandello e, com Cláudia Accurso, Lúcia Serpa e Paulo Vicente, *As Criadas* de Jean Genet. Duas montagens que tiveram a orientação cuidadosa de Luiz Paulo Vasconcellos a quem aprendi a respeitar como professor pelos ensinamentos e reservar uma amizade pela confiança sempre depositada em meu trabalho. Um trágico *black-out* abreviou a vida de nosso iluminador-mor, Hermes Mancilha, que mais do que bolsista de iluminação representava para todos nós um grande parceiro nas encenações. Sua habitual irritação de início logo se substituía por um gesto de amizade, diante de meus insistentes apelos por um foco mais e mais fechado, impossível mesmo de se obter no palquinho do DAD. Mas lá ia ele, atrás de um papelão, recortar um pequeno orifício para criar uma máscara e, assim, satisfazer meu desejo de aprendiz de diretora. Enfim, foi então durante minha trajetória de aluna-diretora do DAD que descobri o que mais me fascina no teatro, o processo criador do ator. Deste interesse, vim fazer um projeto de pesquisa que me levou, a exemplo de meus professores, a aprofundar meu conhecimento teatral nas terras distantes de Molière.

Finalmente, confesso que experimento uma dose de perplexidade quando assisto hoje nossos alunos em toga formarem-se sobre o palco da Reitoria. Isto porque, para minha geração, formatura era uma coisa abominável. Em razão de uma greve de mais de noventa dias, me formei em 6 de março de 1985, dividindo a honra com uma única colega. No gabinete da então diretora do Instituto de Artes, Professora Di Pancaro, sem contar com a presença de nenhum de nossos familiares, Denize Barella leu "teatralmente" o juramento profissional, nos permitindo ascender assim ao grau acadêmico de Bacharel. Enfim chegara o momento de deixar o DAD, mas dentro de mim nascia já a vontade de retornar... ■

**CENTRO DE ARTE DRAMÁTICA**

**COORDENADORES:**  
 Diretor de Teatro  
 Professor de Teatro  
 Formação de Ator  
 Cultura Teatral

**PUBLICAÇÕES:**

**Coleção TEXTOS**

A ponte, de Waldir Ruzicki  
 A intrusa, de Maurice Maeterlinck (tradução de  
 Guilherme Cesar)  
 Para Cervantes, 4 comédias curtas, traduzidas e  
 apresentadas por Paulo Hecker F.

**Coleção ENSAIOS**

O Espectador apaixonado, de Ruggero Jacobbi  
 Temas da História do Teatro, Sabato Magaldi  
 O sentido e a máscara, de Albert Bornheim  
 O Cinquentenário de fundação do "Teatro Colômbio", de G. Raeders

**Coleção CONFERÊNCIAS**

O teatro de Ugo Betti, e  
 O teatro de Sêneca, de  
 Lope de Vega, de Ivan I.

**ULTIMAS APRESENTAÇÕES:**

"Um pedido de casar  
 de Cláudio Heem

"O aniversário do b  
 Claudio Heema

"Aululária" — Plai

"O macaco da ví  
 de Nair M. F

"Teatro: varia  
 alunos do C

"Dona Rosita  
 de Mari

"Homem:  
 alunos  
 Arthu

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO  
 FACULDADE DE FILA  
 CENTRO DE ARTE DR  
 em convênio com o INSTITUT  
 BRASILEIRO-ALEMÃO**

**A ÓPERA DOS TRÊS**

Cantor de rua .....	Luiz Arthur N
Sr. Peachum .....	Maurício Hers
Filch .....	José Carlos H
Sra. Peachum .....	Suzana Outeir
Mathias .....	Luiz Francisco
Polly .....	Maria Luiza J
Mac Navalha .....	Carlos Carval
Jacob Mão de Gancho	Gilberto Mõna
Roberto Serrote .....	Fernando Bon
Ede .....	Arines Ibias
Walter Chorão .....	Carlos Queiroz
Pastor Kimball .....	Adriano Miguel
Blown, o Tigre .....	Roberto Ruas
Jenny Espclunca .....	Cecilia Nisemblat
Um homem .....	Adriano Miguel
Betty .....	Suzana de Barros
Dolly .....	Haydée Porto da Silva
Vixen .....	Beth Zambrano
Velha .....	Graça Nunes
Sargento Smith .....	Ivens Godinho
Lucy .....	Nara Keiserman ou Valquíria Peña
Mendigos .....	Irene Brietzke, Ilona Christensen, Arines Ibias, Fernando Bonow, Carlos Queiroz, Graça Nunes, Hay- dée Pôrto, Nara Keiserman
Policiais .....	Luiz Arthur Nunes e Fernando Bonow
Arauto .....	Irene Brietzke
Cenário e figurinos —	Luiz Roberto Damasceno
Pianista —	Léo Ferlauto
Técnica Vocal —	Charlotte Kahle
Contra-regra —	José Ronaldo Falleiro
Execução do figurino —	Clélia Fróes e Francisco Aron
Cenotécnica —	Ivo Piva
Publicidade —	José Ronaldo Falleiro
Assistentes da direção —	Luiz Arthur Nunes, Maria Helena Lopes e José Ronaldo Falleiro
Produção — supervisão	Lygia Vianna Barbosa
assistente	Luiz Francisco Fabretti
Direção de	<b>LUIZ PAULO VASCONCELLOS</b> (do Conservatório Nacional de Teatro)



**BRECHT**

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
PRÓ-REITORIA DE EXTENSÃO  
DEPARTAMENTO DE ARTE DRAMÁTICA

## semana de artes cênicas

2 a 6 de junho/86



INSTITUTO DE ARTES

Apoio:

PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
SUBSECRETARIA DE CULTURA  
DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL  
DEPARTAMENTO DE MÚSICA

INSCRIÇÕES E PROGRAMA:  
PRÓ-REITORIA DE EXTENSÃO  
Av. Paulo Gama, 110 5º andar  
De 22 a 30 de Maio de 1986